



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

A Saliva (d)os humanos: uma economia das substâncias entre os Makú

Autoria: Hércules Gomes de Lima (UFC - Universidade Federal do Ceará)

O presente work interroga as práticas e concepções cosmológicas makú descritas na monografia de Os Makú: Povo Caçador do nordeste da Amazônia de Peter Silverwood-Coope (1990). A obra apresenta, com certo teor ?holista?, a vida social dos Bara Makú sob três aspectos centrais: a sua relação com o meio ambiente, sua ?adaptação?, uso e manejo de recursos, técnicas de caça (Capítulo I); outra parte dedicada à organização social, sistemas de clãs, regras de parentesco e comportamento (Capítulo II); e por fim, suas as concepções e estruturas cósmicas, dessarte, a ordenação dos componentes cosmológicos do mundo (Capítulo III). O termo ?Makú? ? reconhecido pelo autor como atribuído por alguns de seus vizinhos, se refere aos habitantes da região colombiana do Vaupes, em uma área entre os rios Negro e o Japurá, no Brasil. Este artigo se debruçará, especialmente, sobre o Capítulo III e a Conclusão da monografia ao investigar a qualidade transformativa ?perspectivista?, podemos dizer (ÂRHEM, 1993) ? das substâncias, quais sejam: o sangue e a saliva constroem um par no complexo cosmo-prático makú. Ao associar-se a outros dípticos (sangue:saliva::quente:frio::Alto-Antes:Abaixo-Depois e segue), o autor cerceia como nódulos agregadores da ordenação cósmica do grupo, a saber, a tsa?litna, substância quente presente no sangue e em carne, altamente atrativa aos Monstros, ligada ao Sol e à Lua e enquanto um contrapeso há a kama?litna que age uma espécie de ?resfriador? ligada ao doce, à Terra e à Água (p. 174; 186). As duas formas energéticas são



manejadas através de tabus alimentares, works xamânicos e pela restrição de interações sociais e da circulação de pessoas, objetos e substâncias, pois sua falta ou excesso pode ser perigosa àqueles despreocupados. Neste sentido, afim de ampliar o debate em torno do ?dualismo perpétuo? ameríndios (LÉVI-STRAUSS, 1993), buscamos compreender de que modo as práticas e concepções sobre as substâncias contribuem para o/no aspecto ?multiplicador de diferenças? do pensamento indígena. Nossa hipótese é que as substâncias têm forte peso na constituição do ?mínimo múltiplo comum? da variação ontológica multinaturalista (VIVEIROS DE CASTRO, 2007) compondo um terreno em que diferença se produz e assim vêm sendo desde os tempos pré-cosmológicos. Ao mobilizar o caso makú e outros casos etnográficos, podemos pensar, dentre outros, na economia do sangue entre os Krahô (CARNEIRO DA CUNHA, 1978), esperamos aproximar-nos de entender o caráter ontologicamente transformativo e diferencial dos diferentes usos e concepções ameríndios da substância.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: